



Brasília, fevereiro de 2011
8ª edição . ano II

clube do
vinho
Grand Cru

Preciosidades pouco conhecidas de Portugal

Nossos laços com Portugal são muito mais profundos do que percebemos no nosso dia a dia. Assim, ao fazermos uma viagem até aquele simpático país, percebemos a semelhança entre algumas de nossas cidades e Lisboa – em especial o centro do Rio de Janeiro – e nos damos conta de várias outras similaridades culturais e estéticas. Basta lembrar que a maioria da população brasileira tem algum laço de parentesco com portugueses.

Todavia, no mundo do vinho, a nossa vinculação com aquele país não é tão forte. Os vinhos portugueses representam cerca de 15% das importações desta bebida feitas pelo Brasil, ficando atrás dos produzidos no Chile, Argentina e Itália e rivalizando com os provenientes da França em termos de presença no mercado. Além disso, somente as regiões produtoras mais famosas de Portugal são realmente conhecidas entre os consumidores brasileiros, conforme veremos mais à frente.

Em passado recente, marcas como Periquita, Mateus Rose e Dão Grão Vasco eram as mais recorrentes nas lembranças do consumidor brasileiro; porém, mais recentemente, outras chegaram ao mercado, mais modernas e com maior qualidade, arrebatando a preferência do consumidor.

Portugal tem a mais antiga região de vinhos demarcada do mundo, a Região do Vinho do Porto, datada de 1756, mas somente há pouco tempo avançou no processo de demarcação de outras áreas. Apenas para que se tenha uma ideia, atualmente são 32 as regiões demarcadas no país. Destacadas das demais, aparece a dupla Porto-Douro, que juntas configuram a mais importante região produtora. Responsáveis pelo mundialmente reconhecido vinho do porto, um fortificado que representa 50% das exportações de vinho de Portugal, nas últimas décadas, os produtores da região descobriram o mercado de vinhos finos secos, os quais produzem com grande maestria. A seguir, há a região do Alentejo, com vinhos menos encorpados e mais versáteis, embora também maravilhosos e

com grande tipicidade. No entanto, além das conhecidas estrelas, há ainda regiões como Bairrada, Dão, Óbidos, Bucelas, Ribatejo, Setúbal, Madeira e mais outras 20 menores, inclusive a de Vinho Verde. Sim! Vinho Verde é uma denominação de origem.

Neste mês, nossa proposta é trazer para vocês boas opções oriundas dessas regiões menos conhecidas. Então, vamos a elas, *ó pá!*

O primeiro exemplar é o branco **Auratus 2005**, da vinícola Quinta do Feital. Este é um Vinho Regional Minho, o que significa que foi produzido na região mais a noroeste de Portugal. Embora esta seja a área com a denominação de origem Vinho Verde, este não é um vinho verde, pois foi elaborado com técnica diferenciada. É produzido a partir das uvas Alvarinho, a mais nobre da região, e Trajadura, tendo recebido 89 pontos de Robert Parker. É um branco de grande tipicidade, com final longo e aromas florais com toques de mel.

O segundo vinho, **Covela Escolha 2005**, é também um representante da região do Minho. Trata-se de um tinto potente e raçudo, feito pela Quinta da Covela, vinícola comprometida com a ausência de químicos em seus produtos e a busca de vinhos biodinâmicos. Tendo a grande uva portuguesa Touriga Nacional como base de sua estrutura e mesclado com uvas francesas, apresenta grande vigor.

O último exemplar do mês é um vinho do Dão, o **Quinta das Estréguas 2005**. Exemplar de grande tipicidade, leva somente uvas de origem portuguesa em sua composição, que são: Touriga Nacional, Tinta Roriz, Jaen e Alfrocheiro Preto.

Esperamos que desfrutem dos vinhos aqui apresentados e das sugestões de harmonização, que constam das fichas técnicas em anexo.

Fernando A. F. Rodrigues